

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

O PAPEL DA ENFERMAGEM NO TRATAMENTO COM CANABIDIOL EM CRIANÇAS COM EPILEPSIA

Wastyr Regina Carriel dos Santos
Leandro Eustáquio Rodrigues Rosa
Júlia Linhares Bianchet Moreira
Shirley Amaral Victor de Oliveira

Resumo: A epilepsia refratária na infância se apresenta como um desafio clínico relevante, em especial quando os tratamentos convencionais não apresentam respostas. Nesse contexto, o canabidiol (CBD), composto oriundo da planta Cannabis sativa, tem se apresentando como um caminho terapêutico promissor. A justificativa da pesquisa reside em entender o papel do enfermeiro para resguardar a segurança, a eficácia do tratamento e o suporte integral às crianças e suas famílias. A presente pesquisa teve como objetivo identificar a atuação da enfermagem nos cuidados, suporte e tratamento com óleo de canabidiol em pacientes pediátricos com diagnóstico de epilepsia refratária, por meio de uma revisão de literatura, usando as bases de dados BVS, LILACS e SciELO, com inclusão de artigos publicados entre 2015 e 2025. Os resultados evidenciam que o CBD demonstra eficácia clínica na diminuição da crise epiléptica e perfil de segurança aceitável, sendo imprescindível o acompanhamento próximo por parte da equipe de enfermagem. A atividade do profissional de enfermagem é primordial não somente na administração medicamentos, mas sobretudo na orientação da família, no monitoramento de efeito colateral e no fomento de um cuidado humanizado. Em conclusão, o estudo demonstrou que a capacitação profissional e a elaboração de protocolos assistências são imprescindíveis para a inserção segura desse método terapêutico no cenário pediátrico e observou-se a falta de estudos relacionados ao tema.

Palavras-chave: Canabidiol; Enfermagem; Epilepsia Refratária; Pediatria; Cuidados de enfermagem

1 INTRODUÇÃO

A epilepsia é uma doença neurológica caracterizada pela ocorrência de episódios breves ou prolongados de atividade neuronal excessiva, devido a um estado de hiper excitabilidade neuronal e hiper sincronia (10). Essa patologia neurológica crônica marcada por alterações temporárias e reversível do funcionamento do cérebro, caracterizando crises espontâneas e recorrentes, convulsão e não convulsão, causando descargas do cérebro parciais ou generalizadas (14).

Na Síndrome de Dravet, que geralmente inicia-se no primeiro ano de vida e é caracterizada por crises convulsivas prolongadas e febris, o CBD tem mostrado eficácia na redução da frequência e intensidade das convulsões (10).

Já na Síndrome de Lennox-Gastaut, que afeta principalmente crianças entre 3 e 5 anos e se manifesta com múltiplos tipos de crises (principalmente tônicas e atônicas), além de um padrão

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

de atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, o CBD tem sido uma opção terapêutica capaz de diminuir o número de crises diárias, melhorando a qualidade de vida (10).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que a epilepsia atinge aproximadamente 2% da população mundial, totalizando cerca de 50 milhões de indivíduos acometidos pela doença em nível global. No que se refere à população pediátrica, embora haja indícios consistentes de uma redução na incidência anual de novos casos nos últimos anos, a média anual ainda se mantém entre cinco e sete novos diagnósticos para cada 10.000 crianças com idade entre o nascimento e os 15 anos. Dentro desse grupo etário, os estudos apontam que, ao longo da infância, ao menos cinco a cada mil crianças desenvolverão epilepsia (12).

Tipos raros de epilepsia que não respondem à terapia convencional e que têm levado à regulamentação do uso clínico de extratos padronizados de cannabis, contendo CBD e tetrahidrocannabinol (THC), estão sendo usados para tratar casos graves de epilepsia no Brasil (1).

Diversas investigações clínicas, incluindo ensaios randomizados, têm analisado os efeitos do canabidiol (CBD) no tratamento de crises epilépticas em pacientes pediátricos com epilepsia refratária. Os resultados obtidos até o momento são promissores, especialmente em casos de síndromes epilépticas de difícil controle, como as síndromes de Dravet e de Lennox-Gastaut. Nesses estudos, o uso do CBD tem sido associado a uma redução significativa na frequência das crises convulsivas, sendo que uma parcela considerável dos pacientes apresentou diminuição superior a 50% na ocorrência das crises (17).

Além do efeito anticonvulsivante, o CBD possui propriedades anti-inflamatórias, que ajudam a reduzir a neuro inflamação associada a algumas formas de epilepsia, e ansiolíticas, o que é relevante, pois muitos pacientes com epilepsia refratária desenvolvem quadros de ansiedade devido ao impacto emocional das crises frequentes (1).

O THC é o composto químico da Cannabis responsável pelos efeitos psicoativos observados em quem consome a planta de forma recreativa. Ele atua diretamente nos receptores cerebrais ligados à percepção, memória e coordenação motora, provocando sintomas como euforia intensa, distorção da realidade, sonolência, alterações na capacidade de atenção e, em algumas pessoas, episódios de ansiedade ou paranoia (17).

O CBD, ao contrário do THC, não provoca alterações na consciência nem causa sensação de euforia. Sua ação é focada em propriedades medicinais. Ele interage com o sistema nervoso

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

central de forma a reduzir a atividade elétrica anormal do cérebro, sendo especialmente eficaz no controle de crises convulsivas em pacientes com epilepsia refratária. Além do efeito anticonvulsivante, o CBD também apresenta ação ansiolítica (reduz a ansiedade), anti-inflamatória e analgésica, o que amplia suas aplicações clínicas sem gerar os efeitos psicoativos típicos do THC (17).

No Brasil, a Anvisa Agência Nacional de Vigilância Sanitária, aprovou o comércio controlado de Cannabis, realizado exclusivamente por farmácias e mediante receita médica de controle especial, prescritos em condições clínicas de ausência de alternativas terapêuticas disponíveis (4).

No caso de pacientes com autorização especial para uso medicinal, a legislação prevê que a União pode regulamentar o plantio para fins científicos, medicinais e industriais. Hoje, a importação de produtos à base de CBD é autorizada pela ANVISA, conforme Resolução RDC nº 17/2015. Em 2019, também foi regulamentada a produção nacional de medicamentos feitos com extratos importados de CBD e THC. Porém, o alto custo e a burocracia do processo de importação levam muitos pacientes a buscar alternativas ilegais (1).

Com o intuito de intensificar as ações voltadas à segurança medicamentosa, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou, em 2017, o terceiro Desafio Global para a Segurança do Paciente, intitulado “Medicação sem Danos”. Essa iniciativa reconhece os riscos significativos associados ao uso inadequado de medicamentos e estabeleceu como meta a redução de 50% dos danos graves e evitáveis relacionados à medicação, no período de cinco anos (3). Nesse contexto, é preocupante que profissionais de saúde, como enfermeiros e farmacêuticos, demonstrem lacunas no conhecimento sobre os medicamentos que administram, como destacado no Art. 30, que alerta para a importância de conhecer a ação da droga e certificar-se da possibilidade de riscos (7).

Art. 30 - Administrar medicamentos sem conhecer a ação da droga e sem certificar-se da possibilidade de riscos (7).

Essa preocupação é reforçada por uma pesquisa recente que avaliou o conhecimento de alunos de enfermagem e farmácia sobre os benefícios do CBD e THC. A pesquisa em questão desenvolvida de forma transversal, de natureza observacional, com abordagem quantitativa descritiva, visando identificar o nível de conhecimento e as percepções de estudantes universitários sobre um tema específico. A utilização desse delineamento permite mapear

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

saberes e opiniões de um grupo amostral definido, contribuindo para o enriquecimento da literatura científica e para o avanço das discussões nos campos teórico e prático (11).

A amostra foi composta por 512 acadêmicos, sendo 350 do curso de Enfermagem e 162 do curso de Farmácia, todos regularmente matriculados em um Centro Universitário privado localizado no município de Cascavel, no estado do Paraná.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e aprovado conforme o parecer registrado na Plataforma Brasil. Após a aprovação ética, procedeu-se à coleta de dados, realizada entre os dias 27 de setembro e 18 de outubro de 2024, por meio de um questionário estruturado na plataforma Google Forms. A aplicação do instrumento ocorreu de forma remota, sendo o link distribuído via WhatsApp a partir dos representantes de turma, após convite presencial em sala de aula (11).

Antes de responderem ao questionário, os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que apresentava de forma clara os objetivos, os possíveis riscos e os benefícios da pesquisa. Apenas após a leitura e a concordância com o TCLE, os estudantes puderam iniciar o preenchimento do formulário(11).

O questionário incluiu dados sociodemográficos, como sexo, faixa etária, curso e período de matrícula, além de questões específicas sobre o conhecimento relativo às substâncias tetrahidrocannabinol (THC) e canabidiol (CBD). Foram exploradas, ainda, as possíveis aplicações clínicas do THC, incluindo o tratamento da dor crônica, estímulo do apetite, controle de náuseas, vômitos e distúrbios do sono. Com relação ao CBD, os participantes responderam sobre seu uso em condições como epilepsia (especialmente a Síndrome de Lennox-Gastaut), transtornos de ansiedade e depressão, transtorno do espectro autista (TEA), além de quadros inflamatórios e dolorosos. Questionou-se também se o respondente já havia utilizado ou conhecia alguém que utilizasse produtos à base de CBD com fins medicinais(11).

As respostas foram recebidas automaticamente pela plataforma Google Forms e organizadas em uma planilha eletrônica no software Microsoft Excel 2013. Os dados foram então analisados quantitativamente, com a elaboração de gráficos e tabelas, a fim de facilitar a visualização dos resultados. As respostas abertas foram tratadas por meio de análise qualitativa descritiva. Embora os acadêmicos demonstrem conhecimento acerca das propriedades medicinais desses compostos, especialmente em contextos terapêuticos como o tratamento da epilepsia, ansiedade, dor crônica e transtorno do espectro autista (TEA), ainda há uma lacuna significativa

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

quanto à compreensão das diferenças entre esses compostos e suas aplicações clínicas específicas (11). Além disso, grande parte dos estudantes desconhece as abordagens clínicas adequadas para o manejo de pacientes que fazem uso de fitofármacos à base de canabinoides, o que pode comprometer a segurança e a eficácia do tratamento (11).

Esses resultados evidenciam a necessidade de maior discussão e formação sobre o uso de canabinoides na prática clínica, bem como a importância de investimentos na educação e treinamento de profissionais de saúde para garantir a segurança medicamentosa e a qualidade da assistência prestada aos pacientes. Isso permitirá que os profissionais de saúde estejam melhor preparados para lidar com os desafios e oportunidades apresentados por esses medicamentos, garantindo assim uma assistência mais segura e eficaz (11).

O papel da enfermagem com pacientes com epilepsia refratária deve ir muito além da importância na administração de medicamentos, deve acolher e escutar o paciente com atenção e cuidado. Os profissionais de enfermagem devem aprender a direcionar a sua atenção ao paciente e nas suas necessidades (4). Diante do exposto, este estudo visa responder a seguinte pergunta: Qual atuação da enfermagem nos cuidados, suporte e no tratamento com óleo de canabidiol a pacientes pediátricos com diagnóstico de epilepsia refratária?

O objetivo geral é identificar a atuação da enfermagem nos cuidados, suporte e tratamento com óleo de canabidiol a pacientes pediátricos com diagnóstico de epilepsia refratária, relacionando as intervenções de enfermagem à assistência prestada nesse contexto terapêutico.

2 METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão bibliográfica que reuniu e analisou publicações científicas sobre os cuidados no tratamento com óleo de canabidiol em pacientes pediátricos com epilepsia refratária. O objetivo foi responder à pergunta: Quais os cuidados necessários no tratamento desses pacientes com o uso do óleo de canabidiol?

Foram incluídos artigos publicados entre 2015 e 2025, escritos em português, disponíveis gratuitamente na íntegra, e que abordassem diretamente o tema. Foram excluídos trabalhos duplicados, teses, dissertações, resenhas, cartas ao editor, relatos de experiência e revisões de literatura.

A busca foi realizada nas bases LILACS, BVS e SciELO, além de documentos oficiais do

Submetido em: 14/07/2025

Aprovado em: 28/07/2025

Publicado em: 28/07/2025

DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

Ministério da Saúde e do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Utilizou-se a combinação dos descritores controlados em saúde: "Canabidiol", "Tratamento" e "Epilepsia Resistente a Medicamentos", com operadores booleanos ("AND" e "OR"). A coleta ocorreu entre março e abril de 2025.

A seleção dos artigos ocorreu em três etapas: leitura dos títulos, dos resumos e, por fim, leitura completa para confirmação dos critérios de inclusão. A extração dos dados considerou autor, ano, objetivo, tipo de estudo, principais resultados e nível de evidência.

A análise foi qualitativa, baseada na análise temática de Bardin (2011), que permitiu agrupar os principais estudos em categorias temáticas.

Este estudo é classificado como Revisão Sistemática/Nível IV segundo o Joanna Briggs Institute (JBI) ou Nível III conforme a Agency for Healthcare Research and Quality (AHRQ), por se tratar de uma revisão bibliográfica que analisa estudos sobre um tema específico.

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

3 RESULTADOS

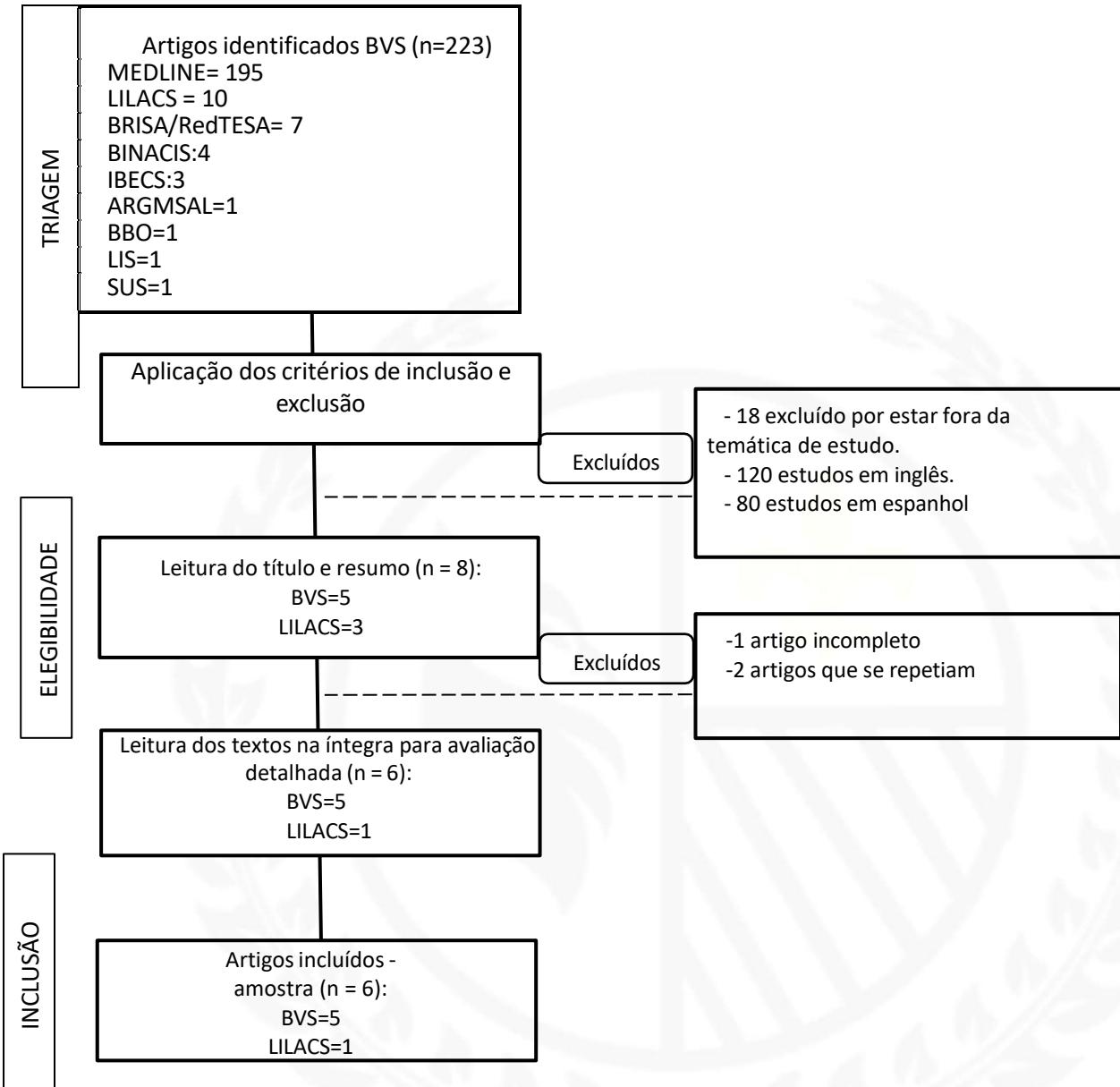


Figura 1 - Fluxograma da seleção dos estudos na revisão integrativa pelo PRISMA, Brasil, 2025

Apresentação geral dos resultados

Foram encontrados 223 artigos nas bases consultadas. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 6 estudos compuseram a amostra final da revisão.

Os artigos selecionados foram publicados entre os anos de 2021 e 2024, com

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

predominância de estudos do tipo revisão sistemática.

Caracterização dos estudos incluídos

A Tabela 1 apresenta a síntese dos estudos selecionados, contendo os seguintes elementos: título do artigo, autores, ano de publicação, objetivo do estudo, tipo de estudo, população e contexto, principais resultados e nível de evidência.

Categoria	Principais Achados	Autores
Histórico de utilização do canabidiol em crianças com epilepsia refratária	O uso do CBD em crianças com epilepsia refratária ganhou notoriedade a partir de casos como o de Charlotte Figi e Clárian Carvalho, impulsionando debates regulatórios e avanços científicos. Destaca-se o papel do sistema endocanabinoide e os desafios ainda existentes, como preconceito, desconhecimento e falta de protocolos padronizados.	Zuardi et al. (2017); Devinsky et al. (2018); Campos et al. (2016); Oliveira et al. (2020)
Eficácia terapêutica do canabidiol	O CBD demonstrou eficácia significativa na redução da frequência e intensidade das crises convulsivas, especialmente em síndromes como Lennox-Gastaut e Dravet. Entre 40% e 60% dos pacientes tiveram redução $\geq 50\%$ nas crises. Há variabilidade individual de resposta, indicando necessidade de avaliação personalizada.	Devinsky et al. (2017); Silveira et al. (2019); Campos et al. (2016); Oliveira et al. (2020); Franco et al. (2021)
Segurança e efeitos adversos	O uso do CBD é, em geral, seguro e bem tolerado. Eventos adversos mais comuns: sonolência, perda de apetite, náuseas, diarreia e fadiga (principalmente leves/moderados). Menos de 10% descontinuaram o tratamento por efeitos colaterais. Risco potencial com traços de THC em alguns produtos.	Campos et al. (2016); Oliveira et al. (2020)

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

Categoria	Principais Achados	Autores
Custo e questões sociais	Barreiras incluem alto custo, burocracia para aquisição e estigma social. Ausência de fornecimento gratuito pelo SUS dificulta adesão. A enfermagem pode atuar como agente de educação, acolhimento e defesa do acesso equitativo ao tratamento.	Oliveira et al. (2020); Campos et al. (2016)
Atuação da enfermagem no tratamento	O enfermeiro tem papel ativo na orientação, monitoramento dos efeitos, registro das respostas clínicas e apoio à família. Necessidade de preparo técnico-científico, atualização e abordagem integral do paciente. Lacunas na formação e necessidade de inclusão do tema nos currículos de enfermagem.	Silva et al. (2021); Campos et al. (2016); Oliveira et al. (2020); Souza et al. (2019); Santos et al. (2018); Pereira et al. (2022)

Os estudos incluídos nesta revisão, em sua maioria, são do formato de revisão sistemática. Observou-se uma tendência de aumento nas publicações ao longo dos últimos dez anos, o que demonstra um crescente interesse pelo tema nesse período. Além disso, houve um equilíbrio nas abordagens dos estudos, que avaliaram tanto os benefícios clínicos do uso do canabidiol (CBD) quanto os possíveis riscos associados, especialmente no que se refere aos efeitos adversos classificados como leves a moderados, demonstrando uma análise crítica e cuidadosa dos autores sobre a aplicabilidade da substância na prática clínica.

Com base na análise dos dados, emergiram 5 categorizações de Bardin:

Categoria 1 - Histórico de utilização do canabidiol em crianças com epilepsia refratária. Essa categoria reúne dados sobre o histórico de uso do canabidiol (CBD) em crianças com epilepsia refratária, com destaque para a evolução do conhecimento científico, os primeiros registros de sua aplicação em pediatria e a descoberta do sistema endocanabinoide como base fisiológica

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

para sua eficácia terapêutica.

Categoria 2 – Eficácia terapêutica do canabidiol

Destacam os efeitos positivos do CBD na redução da frequência e gravidade das crises epilépticas, especialmente em pacientes com epilepsia refratária, como nas síndromes de Lennox- Gastaut e Dravet.

Categoria 3 – Segurança e efeitos adversos

Nesta categoria estão agrupadas as observações sobre a segurança no uso do canabidiol, efeitos adversos mais comuns e perfil de tolerabilidade.

Categoria 4 – Custo e questões sociais

Esta categoria trata das barreiras legais, sociais e econômicas envolvidas na utilização do canabidiol, como burocracia na aquisição, alto custo, preconceito e a importância da regulamentação adequada.

Categoria 5 – Atuação da enfermagem no tratamento

Esta categoria destaca aspectos relacionados ao papel da equipe de enfermagem no tratamento com óleo de canabidiol, monitoramento dos efeitos e suporte ao paciente e familiares.

De forma geral, os resultados demonstram que o uso do canabidiol em pacientes pediátricos com epilepsia refratária tem sido amplamente investigado, com foco nos efeitos terapêuticos, na segurança clínica e nas implicações para a prática de enfermagem. Evidenciou-se que o CBD pode contribuir significativamente para a redução da frequência e da intensidade das crises convulsivas, especialmente em síndromes de difícil controle, como Lennox-Gastaut e Dravet.

4 DISCUSSÃO

Categoria 1 – Histórico de utilização do canabidiol em crianças com epilepsia refratária Os estudos incluídos apontaram que o uso do canabidiol (CBD) em crianças com epilepsia refratária teve início a partir de casos clínicos marcantes que ganharam visibilidade internacional, como o da norte-americana Charlotte Figi e da brasileira Clárian Carvalho. Esses

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

relatos contribuíram significativamente para o avanço das discussões sobre a regulamentação do uso medicinal da Cannabis no tratamento de epilepsias graves. A mobilização de familiares, associações de pacientes e profissionais da saúde impulsionou decisões judiciais e mudanças regulatórias que permitiram,

gradualmente, o acesso ao tratamento com CBD (16, 6, 18).

A evolução histórica do uso terapêutico da Cannabis, destacando a força dos movimentos sociais e familiares como agentes de transformação científica e política. O autor também enfatiza a importância do sistema endocanabinoide, descoberto nas últimas décadas, como um fator central para a compreensão da eficácia do CBD, sobretudo por sua atuação sobre os receptores CB1 e CB2 no controle da excitabilidade neuronal (16).

Por outro lado, embora haja avanços na regulamentação, a adoção do CBD na prática clínica ainda enfrenta entraves significativos, como o preconceito social, o desconhecimento por parte dos profissionais de saúde e a escassez de protocolos clínicos padronizados (13). Essa perspectiva diverge parcialmente dos estudos analisados, que enfatizam a crescente aceitação do CBD como terapia complementar, mas reconhecem que tais barreiras ainda persistem, sobretudo no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) (18).

Dessa forma, a literatura evidencia que a trajetória do uso do canabidiol em pediatria é marcada por conquistas legais e científicas, mas também por desafios relacionados à formação profissional, estigmas sociais e falta de uniformidade nas práticas clínicas, especialmente no contexto brasileiro.

Categoria 2 – Eficácia terapêutica do canabidiol

Os estudos incluídos apontaram que o canabidiol tem demonstrado eficácia significativa na redução da frequência e da intensidade das crises convulsivas em crianças com epilepsia refratária. A maioria dos pacientes mostrou redução significativa nas crises epilépticas e melhorias clínicas, com algumas crianças apresentando redução superior a 50% na frequência das crises (19). Relatou que o CBD, quando comparado ao placebo, reduziu cerca de 50% das convulsões para epilepsia refratária, com razões de risco (RR) de 2.98 para Lennox-Gastaut e 2.26 para Dravet (9).

Após três meses de tratamento com canabidiol, entre 40% e 60% dos pacientes atingiram pelo menos 50% de redução na frequência das crises epilépticas totais, com até 30% alcançando

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

75% de redução ao longo de dois anos de acompanhamento (6).

Esses estudos afirmam os resultados, que evidenciaram redução estatisticamente significativa das crises convulsivas em comparação ao uso de placebo, com índice de remissão parcial entre 40% e 60% dos casos (9). De forma semelhante, outro relatório reforça a eficácia clínica do canabidiol, apontando benefícios relevantes na qualidade de vida dos pacientes pediátricos tratados por até dois anos (6). Cerca de 30% dos pacientes pediátricos tratados com CBD alcançaram uma redução de metade das crises convulsivas, além de efeitos benéficos como melhora do humor, cognição e atenção (18).

Por outro lado, o canabidiol não apresenta resultados uniformes em todos os pacientes, havendo variabilidade de resposta terapêutica associada a fatores genéticos e metabólicos individuais. Essa observação não invalida os resultados, mas indica a necessidade de avaliações clínicas personalizadas para o uso do CBD (17).

A literatura, portanto, aponta que o canabidiol representa uma alternativa terapêutica promissora, especialmente em casos onde os anticonvulsivantes convencionais não apresentam eficácia, contribuindo para a melhoria do controle das crises e da qualidade de vida dos pacientes e suas famílias.

Categoria 3 – Segurança e efeitos adversos

Os estudos analisados indicam que o uso do canabidiol em pacientes pediátricos é, em geral, seguro e bem tolerado. Os efeitos adversos mais comuns foram sonolência, perda de apetite, náuseas, diarreia e fadiga, sendo classificados majoritariamente como leves ou moderados. Casos mais graves, como estado de mal epiléptico, foram registrados com baixa frequência.

Esses estudos estão em consonância com o relatório (6), que apontou que mais de 80% dos pacientes relataram algum tipo de evento adverso ao longo do tratamento, sendo os mais comuns de baixa gravidade. Além disso, o estudo destaca que menos de 10% dos pacientes descontinuaram o uso do CBD por conta de efeitos colaterais.

Entretanto, para a presença de traços de THC em alguns produtos comercializados como “puros”, o que pode representar risco ao desenvolvimento neurológico infantil, principalmente se utilizado por longos períodos. Essa advertência ressalta a importância de um controle rigoroso da qualidade dos medicamentos à base de canabidiol (18).

Dessa forma, a literatura reforça que, embora o CBD seja considerado seguro, seu uso requer acompanhamento contínuo e orientação adequada, especialmente no público pediátrico, onde

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

os riscos e benefícios precisam ser cuidadosamente avaliados.

Categoria 4 – Custo e questões sociais

Esta categoria analisada aborda os desafios sociais, econômicos e legais relacionados ao acesso ao tratamento com canabidiol no Brasil. Os estudos destacam que o alto custo dos medicamentos, a burocracia para obtenção legal e o preconceito em relação ao uso de derivados da Cannabis são barreiras significativas que afetam diretamente a adesão ao tratamento.

Muitas famílias enfrentam dificuldades para manter o tratamento devido ao preço elevado do CBD e à ausência de fornecimento gratuito pelo SUS. Ainda, o estigma associado ao uso da Cannabis dificulta a aceitação do tratamento, tanto por parte de familiares quanto de alguns profissionais de saúde (18).

De acordo com a revisão é resguardado a inclusão do canabidiol na lista de medicamentos disponibilizados pelo SUS, com base em sua eficácia e custo-efetividade em longo prazo. Contudo, essa proposta ainda enfrenta entraves políticos e institucionais que limitam sua aplicação prática (6).

Nesse sentido, a enfermagem pode atuar como agente transformador, promovendo educação em saúde, acolhimento e sensibilização das famílias e da comunidade, além de participar ativamente das discussões sobre políticas públicas e defesa do acesso equitativo à terapêutica com canabidiol.

Categoria 5 – Atuação da enfermagem no tratamento

Os estudos incluídos evidenciam que a assistência de enfermagem ao paciente no uso do óleo de canabidiol é fundamental para garantir a segurança, eficácia e adesão ao tratamento por parte dos pacientes e seus familiares. O enfermeiro tem papel ativo na orientação, acompanhamento dos efeitos adversos, registro das respostas clínicas e apoio humanizado à família (7).

Essa responsabilidade está diretamente relacionada ao que preconiza o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem (7), que determina que a administração de medicamentos deve ser realizada com pleno conhecimento da ação da substância e dos riscos envolvidos. No contexto do canabidiol, esse princípio ético reforça a necessidade de preparo técnico-científico por parte dos profissionais de enfermagem.

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

Além disso, os estudos indicam a necessidade de um olhar integral ao paciente pediátrico em uso de CBD, considerando não apenas o alívio dos sintomas, mas também os aspectos emocionais, sociais e familiares que envolvem o tratamento. A atualização contínua sobre novas terapêuticas, como o uso de fitofármacos, é fundamental para que a equipe de enfermagem atue com competência, ética e sensibilidade clínica (6).

A importância do preparo técnico-científico para que a equipe de enfermagem possa oferecer um cuidado seguro e integral aos pacientes pediátricos em uso de canabidiol, considerando não apenas os sintomas físicos, mas também o impacto psicossocial do tratamento (6).

A qualificação dos profissionais de enfermagem quanto ao uso do CBD ainda é limitada, revelando uma lacuna na formação acadêmica e na capacitação prática. Isso aponta para a necessidade de incorporação de conteúdos atualizados nos currículos dos cursos de enfermagem e nos treinamentos institucionais, visando à ampliação da segurança e qualidade da assistência prestada (18).

Reflexão crítica e aplicação prática na enfermagem

Os resultados desta revisão evidenciam a importância estratégica da enfermagem na implementação e condução do tratamento com canabidiol em crianças com epilepsia refratária. O monitoramento dos efeitos terapêuticos e adversos, e o suporte integral ao paciente e à família configuram ações que exigem preparo técnico, ético e humanizado (2).

Nesse contexto, o enfermeiro se apresenta como um elo fundamental entre o paciente, a família e a equipe interdisciplinar, promovendo o acesso à informação, adesão ao tratamento e acolhimento às dúvidas e inseguranças relacionadas à utilização de derivados da Cannabis. A prática da enfermagem baseada em evidências, aliada à escuta qualificada, contribui para a desmistificação do uso do CBD e fortalece a confiança das famílias no tratamento proposto (3).

Do ponto de vista do Sistema Único de Saúde (SUS), a atuação da enfermagem também é crucial para ampliar a equidade no cuidado, por meio de ações educativas, construção de protocolos

assistenciais e defesa do acesso racional ao canabidiol. Além disso, os resultados demonstram a necessidade urgente de inclusão de conteúdos sobre terapias canabinoides nos currículos de graduação e pós-graduação em enfermagem, bem como em programas de educação continuada, assegurando que os profissionais estejam capacitados para lidar com essa

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

abordagem terapêutica inovadora (12).

Apesar dos avanços identificados, observam-se lacunas importantes na literatura quanto à atuação específica da enfermagem na assistência e no acompanhamento de pacientes pediátricos em uso de canabidiol. A maior parte dos estudos concentra-se nos aspectos clínicos e farmacológicos da substância, com pouca ênfase na dimensão do cuidado e nos impactos psicossociais vivenciados pelas famílias (2).

É necessário ampliar as investigações sobre a experiência de enfermeiros na prática clínica, a percepção dos cuidadores e pacientes, e os desafios enfrentados nos serviços de saúde quanto à aplicação segura e eficaz do CBD. Além disso, faz-se pertinente o desenvolvimento de ensaios clínicos com participação da enfermagem, bem como estudos qualitativos que explorem os aspectos éticos, legais e educativos relacionados à assistência ao paciente em uso de fitoterápicos e fitofármacos (3).

Essas investigações contribuirão não apenas para o aprimoramento da prática assistencial, mas também para a formulação de diretrizes clínicas e políticas públicas de saúde que assegurem o uso responsável, acessível e humanizado do canabidiol no tratamento da epilepsia refratária (2).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa alcançou seu objetivo ao compreender a atuação do enfermeiro nos cuidados, no suporte e na assistência aos pacientes pediátricos com epilepsia refratária, em uso do óleo de CBD. Por meio de uma revisão sistemática, foi possível aprofundar o entendimento sobre as múltiplas dimensões dessa prática, que envolve desde o conhecimento técnico necessário para além da administração segura do medicamento até o acolhimento e o suporte aos familiares. Os resultados evidenciam que o enfermeiro desempenha um papel fundamental na eficácia do tratamento, no monitoramento dos efeitos adversos e na promoção de um cuidado humanizado, contribuindo diretamente para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes.

Diante de um tema atual e em constante expansão, a revisão sistemática foi essencial para reunir e analisar criteriosamente as evidências disponíveis, superando a limitação de informações dispersas. A pesquisa ressalta a importância da capacitação contínua dos

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

profissionais de enfermagem e da criação de protocolos específicos para o uso do canabidiol, além de reforçar o papel do enfermeiro como agente fundamental no cuidado integral ao paciente e à família. Com isso, abre-se espaço para o fortalecimento de políticas públicas e para a realização de novas pesquisas que ampliem a qualidade e a abrangência dos cuidados em saúde pediátrica no contexto da epilepsia refratária.

REFERÊNCIAS

1. Almeida, JS. Impactos Socioeconômicos da Legalização do Plantio Cultivo da Maconha no Brasil. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2021.
2. Almeida, RS. O uso do canabidiol no Brasil: legislação, acesso e desafios. Revista Bioética, Brasília, v. 29, n. 4, p. 589–598, 2021. Disponível em: <https://revistabioetica.cfm.org.br>. Acesso em: 20 abr. 2025.
3. Alves, LP.; Ferreira, CM.; Sousa, DR. Medicinação sem danos: desafio global da OMS pela segurança do paciente. Revista de Enfermagem Atual In Derme, Goiânia, v. 97, n. 33, p. 1–8, 2023.
4. Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da Diretoria Colegiada - RDC no 327, de 9 de dezembro de 2019. Dispõe sobre os procedimentos para a concessão da Autorização Sanitária para a fabricação e a importação, bem como estabelece requisitos para a comercialização, prescrição. Brasil; 2019.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Programa Nacional de Segurança do Paciente (PNSP): Protocolo de uso seguro de medicamentos. Brasília: ANVISA, 2020.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. Canabidiol 200mg/ml para o tratamento de crianças e adolescentes com epilepsia refratária a medicamentos antiepilépticos. Coordenação de Monitoramento e Avaliação de Tecnologias em Saúde. Brasília; CONITEC; maio 2021. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:354b5875-2eb7-4d3a-a770-2696cf3e1c5?viewer%21megaVerb=group-discover>. Acesso em: 22 abr. 2025.
7. Cofen – Conselho Federal de Enfermagem. Resolução nº 564/2017: Código de Ética

Submetido em: 14/07/2025
Aprovado em: 28/07/2025
Publicado em: 28/07/2025
DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

dos Profissionais de Enfermagem. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br>. Acesso em: 20 abr. 2025.

8. Cofen, entenda o que é canabidiol, Empresa Brasileira de Comunicação - EBC, 2015. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/entenda-o-que-e-o-canabidiol_28925.html. Acesso em: 15 março 2025.

9. Dahmer, D SV; Bonfanti, JW; Camargo, EB; Elias, FTS. O Uso Do Canabidiol Em Crianças Com Epilepsia Resistente A Medicamento E A Diminuição Na Frequência Das Crises. Revista Científica Da Escola Estadual De Saúde Pública De Goiás" Cândido Santiago", v. 9, p. 1-17 9f1, 2023. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:78388728-3aa4-4861-baf2-66ef06be3960?viewer%21megaVerb=group-discover>. Acesso em: 20 abr. 2025.

10. Epifânio, FT. Epilepsia: do diagnóstico ao tratamento. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2019.

11. Hansen, L; Silva, T; Peder, JL. Percepções de acadêmicos de enfermagem e farmácia sobre o uso terapêutico do canabidiol e THC. Revista Saúde em Foco, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 45–56, 2024.

12. Lima, EA et al. Epidemiologia da epilepsia na infância: uma revisão sistemática. Revista Paulista de Pediatria, São Paulo, v. 38, e2020131, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/2020>. Acesso em: 20 abr. 2025.

13. Marchetti, F. Uso medicinal do canabidiol e seus efeitos no tratamento da epilepsia infantil. Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 45–52, 2020.

14. Moura, GF. Canabidiol como opção terapêutica no tratamento da epilepsia em crianças: uma revisão narrativa. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

15. OMS, transtornos mentais, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>. Acesso em: 15 março 2025.

16. Ribeiro, S. As flores do bem: a ciência e a história da libertação da maconha. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

17. Santos, NCM; Pugliese, FS; Andrade, LG. O Uso do canabidiol em Paciente com Epilepsia. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 7, n. 9, p. 424-

Submetido em: 14/07/2025

Aprovado em: 28/07/2025

Publicado em: 28/07/2025

DOI: 10.56876/revistaviabile.v4n1.12

433, 2021. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:f0b8beb8-ebe9-45ee-a574-40b18e5a2490?viewer%21megaVerb=group-discover>. Acesso em: 19 abr. 2025.

18. Silva, GD; Sousa, LR; Alves, RVS; Lopes, TO.; Teixeira, DO.; Oliveira, LHF; Ramiro, JAQ; Almeida, AC. O uso de Cannabis sativa no tratamento de crianças com epilepsia refratária ao tratamento. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 5, n. 2, p. 7653-7660, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/47104/pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

19. Valdevino, MES; Brito, AJS; Costa, CLF; Cunha, LLA; Alves, MEM; Xavier, US; Sousa, MNA. Uso do canabidiol no tratamento de epilepsia refratária: revisão sistemática. *Revista Ciência Plural*, v. 10, n. 3, p. 1-21, 2024. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:05141fb0-a76e-4867-a157-9ccdbeda7e56?viewer%21megaVerb=group-discover>. Acesso em: 20 abr. 2025.